



CARITAS Schweiz
Suisse
Svizzera
Svizra



LIÇÕES
APRENDIDAS

Expediente

Cáritas Brasileira

Organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
SDS - Bloco P - Ed. Venâncio III - Sala 410
CEP: 70393-902 - Brasília-DF
caritas@caritas.org.br
61 3521-0350
www.caritas.org.br

Diretoria

Dom Mário Antônio da Silva | **Presidente**
Cleusa Alves da Silva | **Vice-Presidente**
Nilza Mar Fernandes de Macedo | **Diretora-Secretária**
Udelton da Paixão | **Diretor-Tesoureiro**

Conselho Fiscal

Anadete Gonçalves Reis
Aguinaldo Lima
Paulo Evangelista dos Santos

Coordenação Colegiada

Carlos Humberto Campos
Rogério Augusto Cunha
Valquíria Lima

Esta publicação

Livro de Lições Aprendidas do projeto Europeia

Organização

Assessoria de Comunicação da Cáritas Brasileira

Colaboração de conteúdo

Alexander Torres Moreno | **Cáritas Suíça**
Angelica Furquim | **Coordenadora Nacional de Projeto e Assessora Nacional para Migração e Refúgio**
Carlos Humberto Campos | **Diretor Executivo**
Daniela Pantoja, Jéssica Santos, Joelma Viana, Liege Costa | **Colaboradoras do Europeia**
Clarissa Marie Zucher | **Assistente Social/Casa de Direitos Rondônia**
Cristina dos Anjos | **Assessora Nacional para Migração e Refúgio**
Edilaine Guariniri de Oliveira | **Articuladora na Cáritas Brasileira Articulação Noroeste**
Edna dos Santos Sousa | **Assistente Social na Cáritas Diocesana de Roraima**
Gláucia Roberta Honorato Silva | **Assistente Social Casa de Direitos Santa Catarina**
Isadora Conversano de Azevedo | **Assessora de Migrações e Refúgio na Cáritas Brasileira Regional Santa Catarina**
Kassia Lorena Fernandes Cordeiro | **Assistente social/Casa de Direitos Paraná**
Maria Cristina Sabino Cardoso | **Assistente Social/Casa de Direitos São Paulo**
Mona Mirella Marques Meira | **Assistente Social/Casa de Direitos Nordeste II**
Rebekka Reischmann | **Cáritas Suíça**
Sérgio Costa Floro | **Cáritas Suíça**
Tania Griselda Pacheco de Prado | **Beneficiária do Europeia II**
Vanessa Fonseca Ayres | **Assessora Nacional da Cáritas Brasileira e Coordenadora do Projeto Europeia**
Virginia Del Carmen Pirela Alvarado | **Beneficiária do Europeia III**

Diagramação

Fernanda Braga



CARITAS

Schweiz
Suisse
Suíça



**CÁRITAS
BRASILEIRA**



Financiado pela
União Europeia
Ajuda Humanitária

SUMÁRIO

Prefácio	4
Introdução	7
Projeto Europana	14
Projeto Pana	18
<i>Roraima</i>	21
<i>Rondônia</i>	23
<i>Pernambuco</i>	27
<i>São Paulo</i>	29
<i>Paraná</i>	33
<i>Santa Catarina</i>	35
Matérias	37
Considerações finais	44



PREFÁCIO

PREFÁCIO

Lições aprendidas no Europana

Há seis décadas e meia, a Cáritas Brasileira vem desenvolvendo a sua missão de “testemunhar e anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, defendendo e promovendo toda forma de vida, e participando da construção solidária da sociedade do Bem Viver, sinal do Reino de Deus, junto com as pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social”.

Como parte de sua missão, nos últimos 12 anos, atendendo ao apelo da Ação Humanitária da Igreja no mundo inteiro, por meio da sua opção sociotransformadora, assumiu, juntamente com outras organizações e entidades parceiras, nacionais e internacionais, a tarefa de contribuir e ajudar no acolhimento, acompanhamento e promoção das pessoas migrantes, refugiadas e apátridas.

As lições aprendidas aqui sistematizadas e apresentadas fazem parte dessa história. São resultados da experiência da Cáritas Brasileira desenvolvida pelo Projeto EUROPANA. Fruto de uma construção em mutirão, coordenado pela equipe da Cáritas e tendo como protagonistas os sujeitos prioritários do processo, migrantes e refugiados, homens e mulheres, vivendo em situação de extrema vulnerabilidade social.



Não se trata apenas de um relato de ações e atividades de um projeto, mas da tentativa de registrar as histórias de vidas, dos encontros, dos desafios e dificuldades vividas por pessoas que, de repente, tiveram que deixar suas origens, sua cultura, familiares e sua integração comunitária.

A presente publicação visa responder aos desafios que se manifestam na vida dessas pessoas, na realidade histórica, considerando o contexto atual e as perspectivas futuras. São lições de saberes e aprendizados, construídos coletivamente.

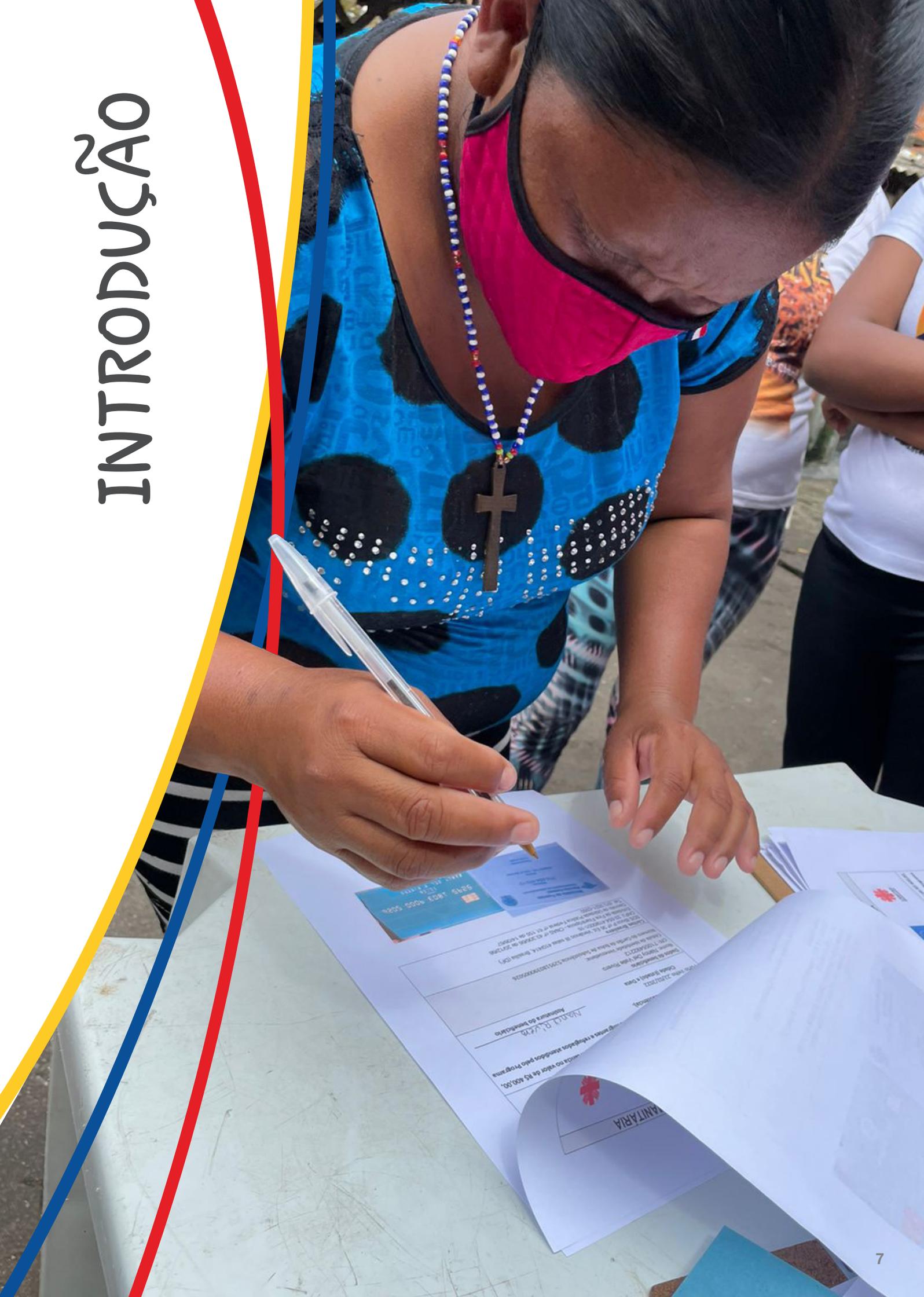
Certamente, este livro, construído a partir da experiência acumulada, contribuirá para caminharmos em uma perspectiva mais unitária na compreensão e realização da nossa ação junto aos povos migrantes e refugiados, valorizando as peculiaridades culturais e as especificidades de cada povo.

Este subsídio quer ser uma referência na qual as diversas iniciativas na área da Migração e Refúgio poderão se inspirar e fazer acontecer “os novos caminhos, das gentes futuras, superando as culturas de morte e de dor, a fim de surgir novas comunidades, valores, verdades, preceitos de amor!” - Como costuma dizer José Magalhães de Sousa, o Maga, saudoso colaborador na área de Meio Ambiente, Gestão de Riscos e Emergências (Magre).

Carlos Humberto Campos
Diretor Executivo da
Cáritas Brasileira



INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

Ao assumir a pastoralidade como elemento central da sua missão institucional, a Cáritas Brasileira se referencia na experiência de Jesus, o Bom Pastor, que conhece, ama e cuida; que acolhe e abraça as pessoas cansadas e abatidas, as últimas, as pequeninas, as samaritanas, as invisibilizadas, as pessoas migrantes.

A opção de assumir migração e refúgio como área prioritária a nível nacional, em 2016, foi resultado de um processo que iniciou em 2010, quando em conjunto com toda a Igreja e sociedade, a Cáritas Brasileira anima uma campanha de solidariedade ao povo haitiano, vítima do terremoto que assolou o país. Mais de 200 mil pessoas perderam suas vidas naquela tragédia, incluindo pessoas brasileiras.

Nos anos seguintes, muitos haitianos se viram obrigados a sair do seu país. O Brasil, assim como vários outros países na América Latina, acolheu muitos haitianos. Tendo a Cáritas como referência, muitas pessoas haitianas buscaram em nós respostas para suas inúmeras necessidades. Do sul ao norte do país, as Cáritas abriram suas portas e corações para acolhê-las.

O apoio da Igreja do Brasil ao Haiti, a partir do expressivo resultado da campanha de solidariedade, a decisão da Cáritas Brasileira de enviar, por um ano, dois jovens da Cáritas Ceará em missão ao Haiti, foi fortalecendo em nós a convicção da importância de assumir Migração e Refúgio como prioridade institucional.

“O Encontro e a recepção do outro se entrelaçam com o encontro e a recepção de Deus: Acolher o outro é acolher a Deus em pessoa.”

Papa Francisco



Em 2014 foi criado um grupo de trabalho para iniciar diálogos sobre a temática, envolvendo as Cáritas do Rio de Janeiro, de São Paulo, o regional do Paraná, o regional Minas Gerais, dentre outros, que já acumulavam experiências no trabalho com a migração.

Realizamos o primeiro seminário para debater a realidade da migração no Brasil e definir orientações e diretrizes para a nossa atuação. Assim, chegamos ao XX Congresso da Cáritas Brasileira, em 2016, tendo em nossas mentes e corações a convicção de ser o momento para assumirmos Migração e Refúgio como área prioritária da Cáritas Brasileira.

A campanha mundial “Compartilhe a Viagem”, lançada em 2017 pela Cáritas Internacional e animada pelo Papa Francisco para incentivar a integração de migrantes, refugiados e refugiadas nos países que os acolhem; a realização do I Seminário Internacional de Migração e Refúgio em Brasília, em 2018, com a presença do Cardeal Luis Antonio Tagle, presidente da Cáritas Internacional; a ampliação do número de pessoas venezuelanas no país, buscando o Brasil como lugar para reiniciar as suas vidas; se tornam marco do início da nossa atuação com pessoas migrantes e refugiadas, a nível nacional.

Tudo isso contribuiu para sensibilizar e fortalecer, na Rede Cáritas, relações de compromisso e de solidariedade, animando todas e todos a trabalharem para que mais pessoas na nossa sociedade pudessem abrir portas, janelas e braços para acolher pessoas migrantes, reconhecendo nelas a sua dignidade e direitos.

Atualmente somos mais de 50 Cáritas que desenvolvem ações com pessoas migrantes e refugiadas em todo país. A solidariedade que vai sendo tecida pela Rede é fortalecida no fazer de cada dia e na compreensão da importância da atuação de cada agente, sendo luz e esperança para as pessoas que nos procuram.

Compreendemos que é no acolhimento às pessoas, no encontro com elas, que será possível resistir à globalização da indiferença. O espaço do encontro é este espaço cotidiano em que é possível conhecer as histórias de vidas, sentir as dores, saber dos sonhos, partilhar a vida.

Em comunhão com a Rede Cáritas Mundial, que tem na sua gênese a Ação Humanitária, a Cáritas Brasileira reafirma a solidariedade como um princípio básico e radical da existência, essencial na luta pela dignidade humana. Renova a sua opção preferencial pelos pobres, no seu compromisso com as pessoas migrantes e refugiadas, de ACOLHER, PROTEGER, INTEGRAR E PROMOVER.

Com o Papa Francisco, temos fortalecido a convicção de que é fundamental perceber a chegada de migrantes, refugiados e refugiadas não como obstáculos, mas como oportunidade para um verdadeiro crescimento humano. Segundo ele, “as sociedades que têm a coragem e a visão de ir além dos seus medos de pessoas refugiadas e migrantes, logo descobrirão as riquezas que elas trazem consigo”. Pois em qualquer encontro genuíno, o intercâmbio de dons acontece. E esta é a aposta da Rede Cáritas no Brasil.



Cáritas, migração, refúgio e apatridia: passos em direção a um horizonte de direitos humanos

1. Nova Lei de Migração: o giro paradigmático na fundamentação da política migratória brasileira

Até o ano de 2017, a política migratória brasileira era marcada pelos ditames da Lei nº 6.815/80, o Estatuto do Estrangeiro, um excerto do ordenamento jurídico formulado sob a Constituição de 1967 a partir de uma visão de mundo que enxergava os estrangeiros e as estrangeiras como pessoas criminosas em potencial. Através de uma política seletiva e restritiva de direitos, o instrumento definia (i)migrante por exclusão e regulava sua entrada a condições arbitrárias fundamentadas na nocividade à ordem pública ou aos interesses nacionais.

A Lei nº 13.445, publicada em 24 de maio de 2017, foi corretamente denominada de Lei de Migração e substituiu o antigo Estatuto do Estrangeiro. A normativa regulamenta a situação de migrantes no Brasil e busca combater o anacronismo da norma anterior, refletindo mudança de paradigmas, enaltecendo a condição de sujeitos e sujeitas de direitos, de modo a promover garantias e oportunidades com vistas a sua integração no país.

Nesse sentido, em consonância com os blocos de constitucionalidade e convencionalidade, a Lei de Migração

consagra em favor de pessoas não nacionais uma série de direitos e impõe ao Poder Executivo princípios e diretrizes para a gestão da mobilidade humana.

A normativa estipula como orientações da política migratória brasileira, dentre outros, os princípios da acolhida humanitária, de não discriminação, da não criminalização da migração, da igualdade de tratamento, do acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social. Sobre o reconhecimento de direitos aos migrantes, a nova lei declara um amplo rol que inclui, dentre outros, o direito à reunião familiar, o amplo acesso à justiça e à assistência jurídica integral gratuita aos que comprovarem insuficiência de recursos e a isenção das taxas para as pessoas em condições de hipossuficiência econômica. O arcabouço jurídico brasileiro, ante a égide da nova Lei de Migração, afirma direitos básicos de pessoas migrantes, refugiadas e apátridas e proíbe a discriminação em razão da nacionalidade e condição migratória.

2. Cáritas, migrantes, refugiados/as e apátridas: esforços para a transformação social

As migrações forçadas têm atingido números expressivos nos últimos anos e suas causas frequentemente se encontram na intersecção, dentre outras, de situações de perseguição, conflitos armados, fome, violência extrema, severas instabilidades econômicas e políticas. Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) apontam que ao final do ano de 2019, 78,5 milhões de pessoas migraram por motivos alheios à sua vontade. Tanto a saída do país de origem, como também seu trajeto e sua permanência no país de acolhida, desvelam, cada qual, contextos de violações de direitos e de vulnerabilidades sobrepostas. Assim, a busca por um local onde se possa viver com dignidade não é tarefa fácil para quem está em situação de migração forçada. Muitas pessoas iniciam suas trajetórias migratórias sem qualquer estrutura ou aparato, provisionadas apenas de coragem e esperança.

A intensificação dos fluxos migratórios para o Brasil ocasiona um aumento importante de demandas por serviços e políticas públicas.

Nesse contexto, governos, organizações da sociedade civil, organismos internacionais, igrejas e outros atores são motivados a estabelecer políticas e meios de acolhida para as pessoas que migram em situação de vulnerabilidade. A Cáritas, nesse cenário, tem atuado como uma das grandes protagonistas na atuação com migração e refúgio. Sua ação segue as lições do Papa Francisco: “acolher”, “proteger”, “promover” e “integrar”. São os quatro verbos reafirmados diante de uma resposta comum da Igreja ante a situação de migrantes, refugiados e refugiadas.



ACOLHER

Acolher significa oferecer um primeiro alojamento adequado e decente, em consonância com o princípio da centralidade da pessoa humana. Algumas das principais demandas relacionadas ao atendimento a pessoas migrantes e refugiadas apresentam caráter emergencial e estão relacionadas à segurança alimentar, à moradia e abrigo e ao acesso a políticas públicas de saúde e assistência social. Nesse sentido, a ação da Cáritas para a acolhida frequentemente se relaciona com a realização de parcerias entre sociedade civil e igrejas para a entrega de cestas básicas, kits de higiene, concessão de eventual subsídio financeiro, orientação e escuta qualificada para os equipamentos da rede socioassistencial, bem como para a rede de saúde e educação, permitindo estabelecer uma rede mínima no território que as famílias possam buscar caso necessário, como também o acesso às políticas públicas.

PROTEGER

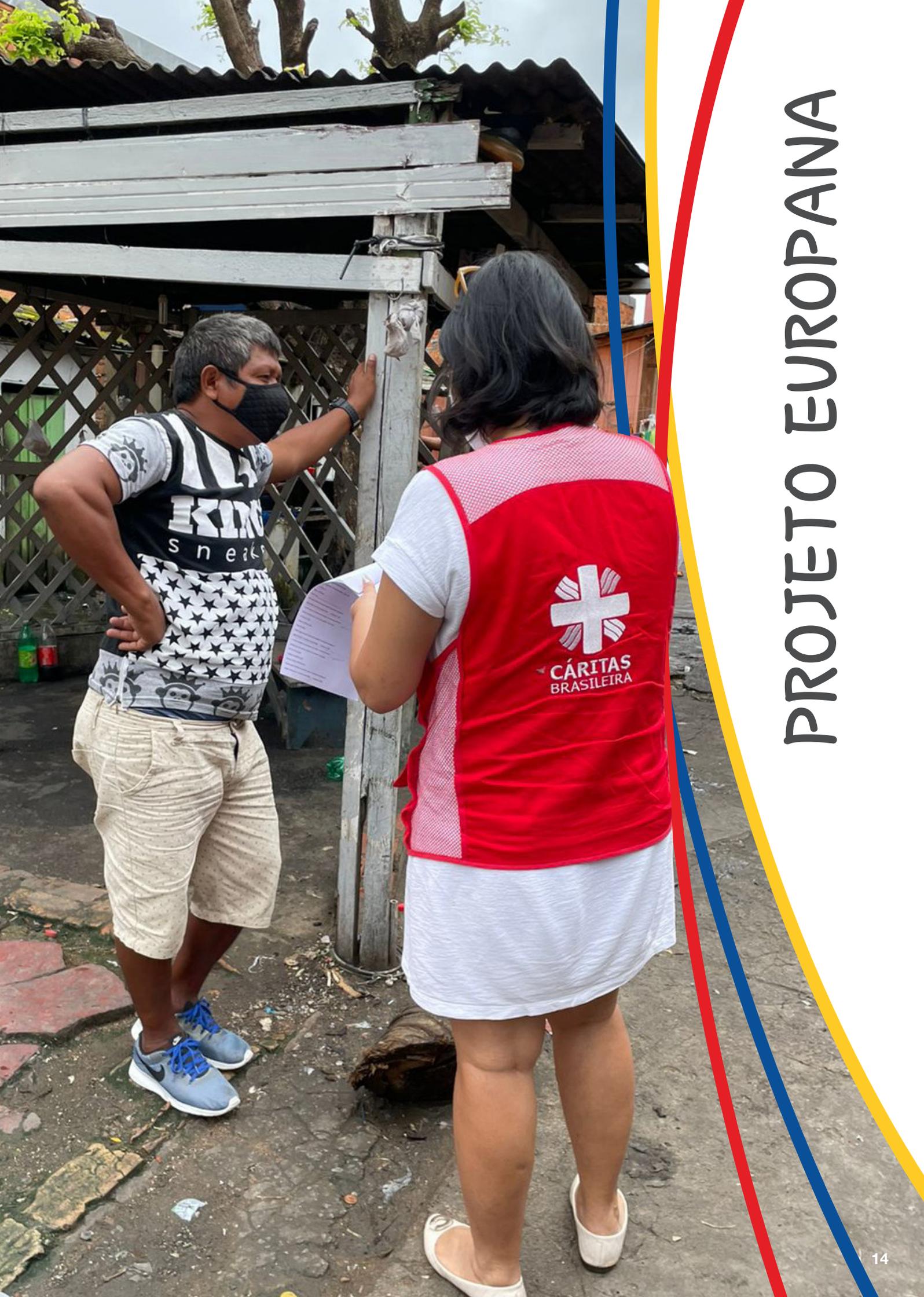
Proteger diz respeito a uma miscelânea de ações em defesa dos direitos e da dignidade de migrantes, refugiados e refugiadas, a despeito de sua situação migratória. Está vinculado, portanto, à disponibilização de informações seguras sobre a trajetória migratória, bem como à garantia de direitos básicos, como a nacionalidade, o trabalho, a saúde e a educação. Uma das principais atividades da Cáritas é o acompanhamento de processos de solicitação de refúgio e regularização migratória. Nesse contexto, as equipes atuam para que migrantes, solicitantes de refúgio e refugiados/as tenham acesso a direitos. Demandas tais quais o desconhecimento dos contornos do processo de solicitação de refúgio e/ou de regularização migratória, a dificuldade de os/as beneficiários/as terem acesso a informações seguras e de qualidade sobre seus direitos e deveres no Brasil, bem como o aumento de casos de violação de direitos ganharam ênfase, particularmente em razão de sua documentação e status migratório. Assim as equipes atuam para que sejam realizados atendimentos individuais como um esforço para suprir tais lacunas.

PROMOVER

Promover significa empreender esforços para que migrantes, refugiados/as e comunidades de acolhida tenham condições de se realizar como pessoas em todas as dimensões, inclusive religiosa, familiar e laboral. A atuação da Cáritas na perspectiva da promoção em muito se relaciona com a temática da integração laboral: na medida que migrantes se estabilizam em relação à moradia, dedicam-se à integração laboral, cujo processo é desafiador. Elementos como diferenças culturais e linguísticas, inexperiência profissional, necessidade de revalidação de diplomas e preconceito e xenofobia dificultam o acesso de migrantes, solicitantes de refúgio e refugiados/as ao mercado de trabalho. Nesse sentido, uma das lutas da Cáritas também reside em sensibilizar a comunidade e as empresas, por meio do envio de ofícios, palestras e *workshops* para a temática das migrações.

INTEGRAR

Integrar se refere às múltiplas oportunidades de enriquecimento intercultural geradas pela presença de migrantes e refugiados/as no sentido não de uma cultura de assimilação, mas de uma cultura do encontro. Com a integração trabalha-se o eixo da incidência política. Trata-se de fortalecer o protagonismo de migrantes e refugiados/as nos processos de inserção e pertencimento e nos espaços de controle social, de envolver o Estado e a sociedade civil organizada para respostas transversais no âmbito das políticas públicas e de zelar pela garantia dos direitos dos migrantes e refugiados/as, em cumprimento da legislação. A Cáritas desenvolve ações de incidência, desde o plano local até o internacional. As ações de incidência da Rede Cáritas no Brasil na área de migração e refúgio distribuem-se em várias linhas, tais quais: atuação interinstitucional (atuação e presença junto a Grupos de Trabalho, Comitês, Comissões e Conselhos); atuação e presença junto a redes de proteção local; elaboração e monitoramento de proposições legislativas para o aprimoramento do ambiente regulatório das migrações e ao monitoramento de projetos de leis e afins; e realização ou participação de mesas redondas, seminários, rodas de conversa.



PROJETO EUROPANA

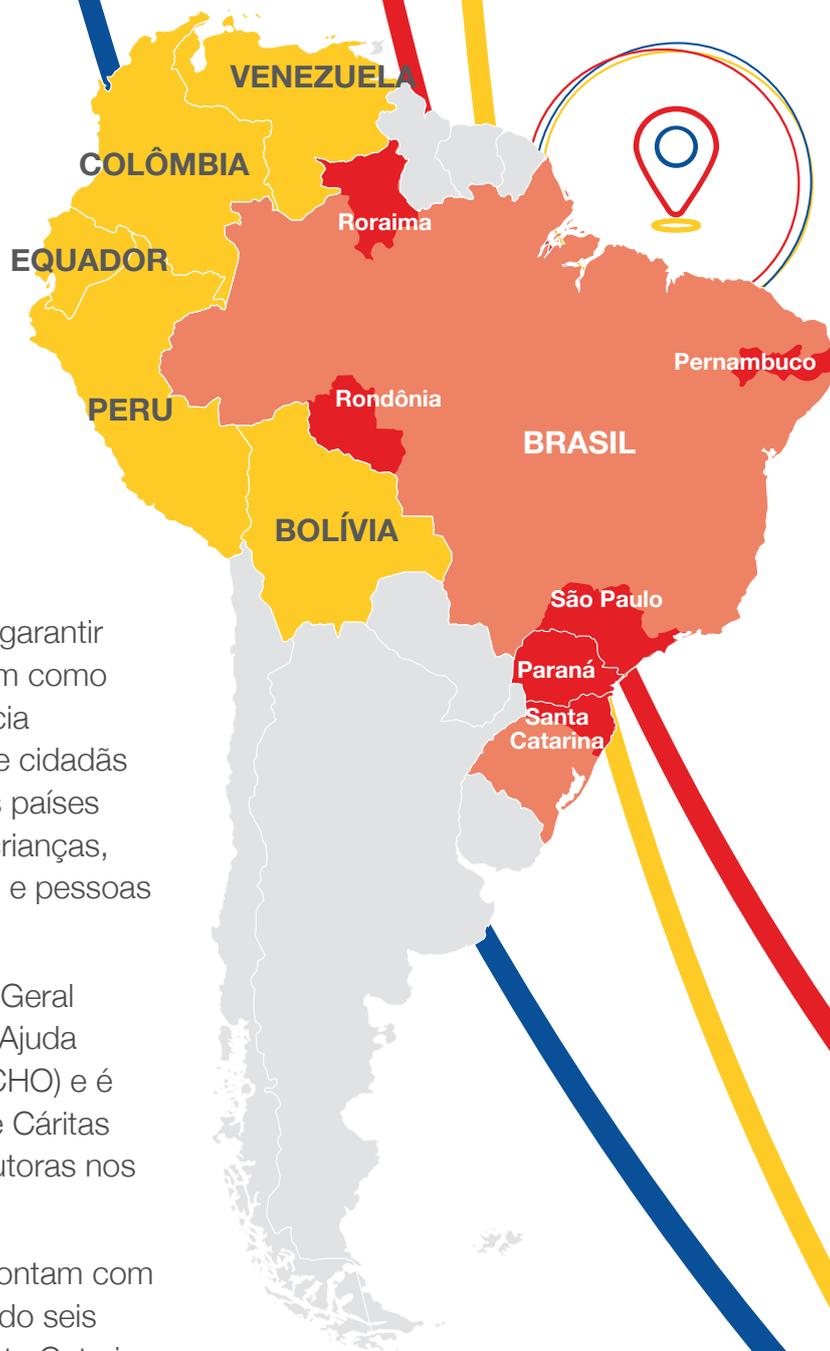
PROJETO EUROPARANA

Europana é uma iniciativa que oferece suporte às pessoas migrantes e refugiadas em situação de vulnerabilidade social, em especial, à população venezuelana no Brasil e em outros quatro países da América Latina: Colômbia, Bolívia, Equador e Peru. A palavra Pana é tem origem na Venezuela e significa amigo. A expressão é muito utilizada por migrantes desse país, especialmente, pelos indígenas da etnia Warao.

O objetivo do projeto é contribuir para garantir uma migração segura e informada, bem como preencher lacunas críticas na assistência humanitária e integração de cidadãos e cidadãs vulneráveis, dentro da Venezuela e nos países anfitriões. Particularmente, mulheres, crianças, populações indígenas, idosos e idosas e pessoas com deficiência.

O programa é financiado pela Direção-Geral da Proteção Civil e das Operações de Ajuda Humanitária da União Europeia (DG ECHO) e é fruto do consórcio compartilhado entre Cáritas Alemã, Cáritas Suíça e as partes executoras nos países, como a Cáritas Brasileira.

No Brasil, as três fases do Europana contam com a realização da rede Cáritas, abrangendo seis estados: São Paulo, Pernambuco, Santa Catarina, Paraná, Roraima e Rondônia. A primeira etapa aconteceu entre 2019 e 2020, sendo a segunda iniciada em 2020 com finalização em 2021. Por sua vez, a terceira fase do projeto teve início em 2021 e foi concluída em maio de 2022.



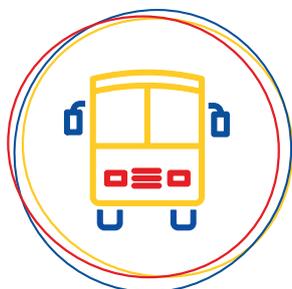
Ações do projeto



CASAS DE DIREITOS

Ao longo desses anos, o projeto estruturou Casas de Direitos nas capitais Recife, Curitiba, Florianópolis, São Paulo, Boa Vista e Porto Velho. Por meio desses espaços são organizadas as ações do Europana, como distribuição de alimentos; concessão de bolsas de subsistência multiuso; transporte humanitário para atendimento de demandas diversas, tais quais consultas médicas, atendimentos psicossociais, procedimentos jurídicos.

Além das ações, o valor agregado do programa reside nas estruturas de articulação e coordenação criadas pelo consórcio formado pela Cáritas Alemã e Cáritas Suíça, com um total de 11 parceiros em seis países, um sistema unificado de monitoramento, comunicação e visibilidade, além da integração em espaços de coordenação nacional e local.



TRANSPORTE HUMANITÁRIO

Apoio ao transporte dentro do perímetro urbano, dependendo da necessidade de viajar, para ter acesso aos serviços públicos, entre outros. Neste caso, migrantes, refugiados e refugiadas recebem pequenas quantias de dinheiro para pagar os custos do transporte público. Também é fornecido apoio ao transporte terrestre de migrantes em risco ou para o reagrupamento familiar. Para essas situações, a equipe adquire bilhetes de transporte diretamente dos fornecedores de transporte credenciados pelo governo e os fornece a cada beneficiário.



FORTALECIMENTO ORGANIZACIONAL

O objetivo desta frente de trabalho é proporcionar treinamento e capacitação para o pessoal humanitário, funcionários/as públicos/as e entidades-chave, a fim de dignificar a migração. Os tópicos são variados, dependendo do contexto local, com ênfase em: Proteção contra tráfico e contrabando; Prevenção da Exploração e do Abuso Sexual (PSEA) e da Violência Baseada em Gênero (GBV); migração informada, direitos e regulamentos dos migrantes e resposta humanitária.



SEGURANÇA ALIMENTAR

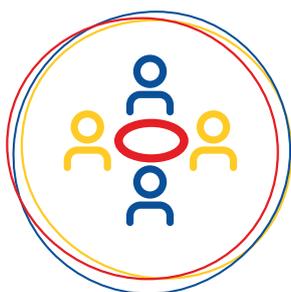
Àquelas pessoas que necessitam de assistência imediata e que não podem receber dinheiro devido à falta de documentação, são oferecidas cestas básicas de alimentos. Os povos indígenas que vivem em espaços comunitários recebem mantimentos semanalmente, para o preparo das refeições comunitárias em terras ocupadas coletivamente ou em abrigos.



BOLSA DE SUBSISTÊNCIA

Transferências monetárias via cartão multipropósito para garantir a subsistência de famílias migrantes e refugiadas no processo de integração comunitária. O fornecimento do apoio financeiro tem por intuito auxiliar na cobertura de despesas essenciais, tais como aluguel de casa, alimentação, itens de higiene, entre outros.

Esse apoio é temporário e, durante o período de implementação, espera-se que os/as beneficiários/as possam ter acesso a outras formas de renda, como trabalho remunerado ou programas públicos de transferência de renda voltados a diferentes grupos, tais como pessoas com deficiência e idosos/as. O monitoramento pós-distribuição é realizado duas semanas após a entrega dos recursos.



INFORMAÇÃO E ORIENTAÇÃO

Esta linha desenvolve atividades de divulgação e informação para migrantes sobre rotas de cuidados, serviços, direitos, atividades de integração ou treinamento pelo próprio parceiro implementador (rede Cáritas) ou em parceria com outras organizações. A ideia é promover a integração social e reduzir os riscos de proteção devido à desinformação.

De forma geral, a gestão e disseminação da informação é feita por meio de atividades de mobilização comunitária, as quais geram forte interação entre os migrantes, a população anfitriã e os profissionais de apoio. Durante este processo, os profissionais gerenciam a primeira abordagem, registram informações, identificam demandas e encaminham os beneficiários para profissionais psicossociais e assessores jurídicos para iniciar o ciclo de atendimento.

Esta atividade é realizada transversalmente em todos os locais de intervenção, pois é relevante para acolher e orientar os recém-chegados e as pessoas em trânsito. É realizada onde há abrigos, em áreas de fronteira e assentamentos onde há um alto influxo de migrantes.



ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL

Esta atividade é realizada em todas as Casas de Direito, pois é um dos pilares fundamentais do programa. O cuidado psicossocial, juntamente com o aconselhamento jurídico e a mobilização da comunidade, representa o início da estrutura de proteção abrangente proposta pela Cáritas. O fluxo de cuidados começa com o acompanhamento prestado por profissionais psicossociais, que são responsáveis pela primeira abordagem e abertura do caso, registro e avaliação dos critérios de vulnerabilidade.

A assistência é prestada nos âmbitos individual, familiar e coletivo, e se baseia de acordo com as necessidades da população, incluindo os efeitos que sofreram durante o processo de migração, conflito armado, violência sexual ou exploração, entre outras violações. A partir desta assistência inicial, as pessoas são direcionadas ao apoio fornecido pelas casas de direito, tanto no Setor de Proteção para encaminhamentos de saúde e de acolhida em espaços seguros, quanto em outros setores, de acordo com os critérios avaliados.

Entretanto, quando os casos exigem um nível de complexidade além da capacidade da Ação - como situações que envolvem saúde mental, Violência Baseada em Gênero/Violência Sexual Baseada em Gênero (GBV/SGBV) e saúde física - esses são encaminhados às devidas organizações e instituições responsáveis. Nesse contexto, as informações necessárias são compartilhadas sob o consentimento informado dos (as) beneficiários e beneficiárias. No caso de menores de idade, é imprescindível a autorização da pessoa responsável. Para garantir o acompanhamento, agentes Cáritas definem um período para monitoramento.



ACONSELHAMENTO JURÍDICO

Fornecer assistência na análise e orientação para: migração e regularização de documentos; candidatura a postos de trabalho; e proteção de mulheres e crianças. No caso de atenção especializada, a equipe buscará cooperação com outras organizações ou universidades.

Nos próximos capítulos apresentaremos os trabalhos desenvolvidos nas Casas de Direitos em Recife/PE, Curitiba/PR, Florianópolis/SC, São Paulo/SP, Boa Vista/RR e Porto Velho/RO.

PROJETO PANA



PROJETO PANA

Pana

Programa para migrantes, refugiados e refugiadas

A partir de 2017, milhões de venezuelanos e venezuelanas saíram de seu país por conta das crises de abastecimento, da inflação, da violência e dos conflitos políticos. Em busca de uma nova vida, muitos migraram para Roraima, estado brasileiro que faz fronteira com a Venezuela. Lá, os abrigos para migrantes, refugiados e refugiadas estão operando com lotação máxima. Muitas famílias venezuelanas se encontram em situação de rua, sobretudo na cidade fronteira de Pacaraima e na capital Boa Vista. A pouca oferta de trabalho, a falta de acesso à moradia e a saturação dos serviços públicos gerou um clima de tensão e conflito, deixando a população migrante em situação de extrema vulnerabilidade.

O Projeto Pana - executado entre outubro de 2018 e dezembro de 2019 - é resultado de uma parceria entre a Cáritas Brasileira e a Cáritas Suíça, e foi planejado com o objetivo de contribuir com a assistência humanitária e a integração local das pessoas migrantes.

Além de Roraima – onde as participantes do programa foram atendidas e cadastradas – o projeto foi desenvolvido em outras seis unidades federativas do país: Rondônia, Pernambuco, Distrito Federal, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Em todos esses territórios, a Cáritas acolheu, abrigou e atuou na integração de famílias venezuelanas que optaram por deixar a fronteira para iniciar um novo capítulo de suas histórias em outras cidades brasileiras. Pana, na Venezuela, quer dizer amigo, parceiro. É o que significou o projeto para centenas de venezuelanos e venezuelanas em situação de migração: um apoio fraterno e um impulso necessário para seguir o caminho.



RORAIMA

Em 2018, o Estado de Roraima já vivia um forte fluxo de migrantes oriundos da Venezuela, que ficavam pelas ruas do município de Boa Vista e Pacaraima, uma vez que não havia abrigo para toda essa população.

Com a chegada do projeto Europeana, em dezembro de 2019, muitas famílias em situação de vulnerabilidade foram apoiadas com a oferta de bolsas de subsistência, as quais possibilitaram que essa população conseguisse alugar moradias e sair das ruas. O benefício também possibilitou às famílias a compra de artigos específicos como leite e fraldas para seus filhos e suas filhas, bem como medicamentos para tratamentos de saúde.

Uma das histórias mais lindas do programa foi o apoio à ocupação Kaubanoco (Boa Vista/RR), onde o projeto pode auxiliar famílias indígenas e não-indígenas a se manterem com alimentação por um período de tempo. Quando a Kaubanoco foi desfeita, o programa Europeana auxiliou algumas famílias com as bolsas de subsistência. Algumas aplicaram o benefício no aluguel de quartos, outras para ter independência alimentar.

Além da distribuição de bolsas de subsistência ao público atendido, realizamos atendimentos para orientação quanto à documentação e



encaminhamentos, bem como palestras sobre direitos da criança e do adolescente migrante, ações em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, atividades sobre saúde bucal infantil com distribuição de kits de higiene, dentre outras.

De maneira geral, o projeto possibilitou a oportunidade de viverem com dignidade, liberdade e independência. As bolsas de subsistência, apesar de fornecerem um valor pequeno, permitiram que a população migrante mantivesse as esperanças e a motivação para alcançar melhores condições de vida.

Por meio da iniciativa, algumas famílias beneficiárias puderam pagar a passagem para fora do estado de Roraima, outras conseguiram trazer seus filhos de Pacaraima (fronteira com a Venezuela) e assim seguir viagem para outra localidade.



São essas histórias que mostram a importância do programa para a comunidade. Toda essa vivência e participação ativa de ajuda humanitária realça a alegria e satisfação em garantir o direito dessas famílias. Tanto o programa Pana quanto o Europeana foi e vai além da ajuda emergencial e humanitária. Essas iniciativas representam acolhida e esperança para as pessoas em situação de vulnerabilidade.

O dia a dia no atendimento às famílias, na escuta dos relatos, no direcionamento e encaminhamento dos casos, garantindo assim seus direitos, ultrapassa a realidade de trabalho. Envolve o tripé do ser humano: corpo, alma e espírito empenhados na disposição e constância nos atendimentos, equilíbrio e empatia para com o outro, e o sentimento de dever cumprido.

População alcançada no Europeana III

 Proteção	15	4	3	4	26
 Segurança alimentar	143	91	117	92	443
 Bolsas de subsistência	117	52	111	114	394
TOTAL	275	147	231	210	863
	Mulheres adultas	Homens adultos	Mulheres menores de idade	Homens menores de idade	TOTAL

RONDÔNIA



No contexto da pandemia da Covid-19, em 2020, a Cáritas Brasileira na Articulação Noroeste passa a executar a segunda etapa do projeto Europana em Porto Velho, Rondônia.

Nesse sentido, o objetivo era complementar o programa Pana, a fim de dar continuidade à prestação do auxílio à população migrante e refugiada em situação de vulnerabilidade social.

Vale ressaltar que o Estado de Rondônia conta com uma peculiaridade: o grande fluxo migratório de passagem e de permanência de migrantes, haja vista a localização próxima à fronteira.

Ademais, durante a atuação do programa, contamos com corpo técnico de profissionais, voluntários e voluntárias e agentes Cáritas, em articulação com o poder público, na busca de respostas mais efetivas para as demandas apresentadas pela população migrante residente ou em trânsito, sendo sua maioria mulheres e crianças indígenas Warao.

População alcançada no Europana III

	Proteção	384	335	255	289	1.263
	Segurança alimentar	254	210	197	237	898
	Bolsas de subsistência	128	101	107	121	457
TOTAL		766	646	559	647	2.618
		Mulheres adultas	Homens adultos	Mulheres menores de idade	Homens menores de idade	TOTAL



Em Porto Velho, desde outubro de 2018, destacamos ainda o grande protagonismo da Casa de Direitos, um centro de referência para atendimento e proteção de migrantes, refugiados e refugiadas, onde são realizados atendimentos pela Rede Cáritas, quais sejam, orientação e apoio psicossocial, orientação jurídica, regularização documental - com preenchimento de protocolo do Sisconare, sistema de tramitação de processos de refúgio no Brasil - dentre outros.

Contudo, o contexto sanitário apresentado pela pandemia da Covid-19 torna ainda mais grave a vida das pessoas em situação de vulnerabilidade, de forma que nos recolhemos no intuito de traçarmos estratégias de atuação para acompanhar e auxiliar migrantes e refugiados que se encontravam sem moradia, alimentação, emprego e em processo de despejo de suas casas.

As atividades de apoio oferecidas presencialmente na Casa de Direitos por meio do programa Europeia continuaram a ser ofertadas, gratuitamente, por meio de telefones celulares. Assim, levando-se em consideração que nem todas as pessoas têm acesso a tecnologia, a Cáritas de Porto Velho e a Arquidiocese descentralizaram parte das atividades de ajuda humanitária para as paróquias na cidade, de forma a facilitar a locomoção das pessoas.

Nesse sentido, inicialmente as atividades do programa estiveram concentradas na entrega de bolsas de subsistência, alimentos e kits de higiene, e na regularização documental, facilitando assim o acesso ao auxílio-emergencial facultado pelo Governo Federal.

Dessa forma, tendo em vista os inúmeros desafios apresentados pela pandemia da Covid-19, o projeto Europeia foi de suma importância no apoio a milhares de famílias em situação de extrema vulnerabilidade social e emocional.

Para nós, da Cáritas Brasileira Articulação Noroeste, foi de uma riqueza única poder atuar e executar o programa Europeia de forma acolhedora e humanizada, entregando bolsas de subsistência a mais de 220 famílias, mesmo com todos os desafios do contexto que ainda estamos vivendo.

Além disso, o programa possibilitou uma ampliação na comunicação, com exposição fotográfica, que abriu portas sobre a temática, o projeto e a instituição. Pudemos também vivenciar e trocar experiências entre nossos e nossas agentes Cáritas, ajudando assim a oferecermos um recomeço às vidas de muitas famílias.



**Relato de
Virginia Del Carmen Pirela Alvarado,
atendida pelo European III**

“

Meu nome é Virginia. Por muito tempo, durante minha estadia no Brasil, quando ainda as massas migratórias venezuelanas não tinham uma grande movimentação para o Brasil, vi-me sozinha em questões múltiplas, como falta de informação, item básico para a inclusão social, falta de moradia e sustento, que na maioria das vezes era comum. Depois de muito tempo e muitos tropeços, consegui aprender algumas das questões básicas que qualquer cidadão brasileiro sabe. Este texto me ajuda a refletir o quão importante é ter uma instituição amiga que vele pelas questões básicas que qualquer ser humano precisa para o seu desenvolvimento. Quando cheguei à Cáritas, ainda precisando de suas generosas colaborações, me senti acolhida e orgulhosa do trabalho que desempenham para com os meus conterrâneos. Tem me ajudado muito em muitas de minhas conquistas, já que ainda estou me formando em Letras Português e Inglês, como também em Serviço Social, todas por bolsas de estudos. Ainda este semestre estou realizando meu projeto de pesquisa para submeter no mestrado em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), entre outras publicações de livros e artigos científicos. Nada disto seria possível sem a valiosa ajuda dos colaboradores da Cáritas, como de tantos outros que fazem parte da minha história de vida.

”

“

Meu nome é Tania Pacheco, uma migrante venezuelana que chegou ao Brasil com sua família em 2018. Sou muito grata à Cáritas, através do projeto European, que prestou a sua ajuda, não só alimentar através de cesta básica, mas também pelo apoio que recebemos, que nos faz sentir em casa. Quando migramos, não só deixamos nosso país, também deixamos nossos afetos, casa, trabalho, amigos, filhos e tantas coisas lá ficam. É recomeçar com muitos medos, dúvidas, dificuldades. Mas o Projeto European foi aquela luz de esperança e apoio emocional. Hoje, depois de quatro anos, sinto que consegui superar muitos desafios, sempre com a melhor atitude e fé em Deus. Felizmente, depois de ser voluntária, participei de uma vaga como educadora social e hoje faço parte da equipe Cáritas Brasileira no projeto Orinoco, o que está me permitindo retribuir toda a ajuda e apoio que recebi desta instituição e deste país maravilhoso Brasil. Obrigada!

”



**Relato de Tania Griselda
Pacheco de Prado,
atendida pelo European II**

PERNAMBUCO

O Regional Nordeste 2 atua com a temática de Migração e Refúgio desde 2018, a partir do primeiro grupo de migrantes venezuelanos e venezuelanas que chegaram a Recife, Pernambuco, pelo Programa de Interiorização do Governo Federal.

Em 2018, por meio do Projeto Pana foi inaugurada a Casa de Direitos, um centro de referência para migrantes com o objetivo de fornecer informações e atendimentos psicossociais a pessoas não brasileiras sobre seus direitos e deveres.

A partir do final de 2019, o Projeto Europana contribuiu para que os atendimentos realizados na Casa de Direitos continuassem, mesmo com a finalização do Projeto Pana e durante a pandemia da Covid-19, em que os atendimentos sociais foram realizados de forma virtual, mas não menos importantes e eficazes.

Realizamos orientações sobre diversos temas e abordagens, desde acesso aos benefícios que a Política de Assistência Social pode oferecer, como encaminhamentos para as demais Políticas Públicas. Orientamos e realizamos agendamentos para a Polícia Federal sobre regularização migratória e encaminhamentos para acesso a documentos.



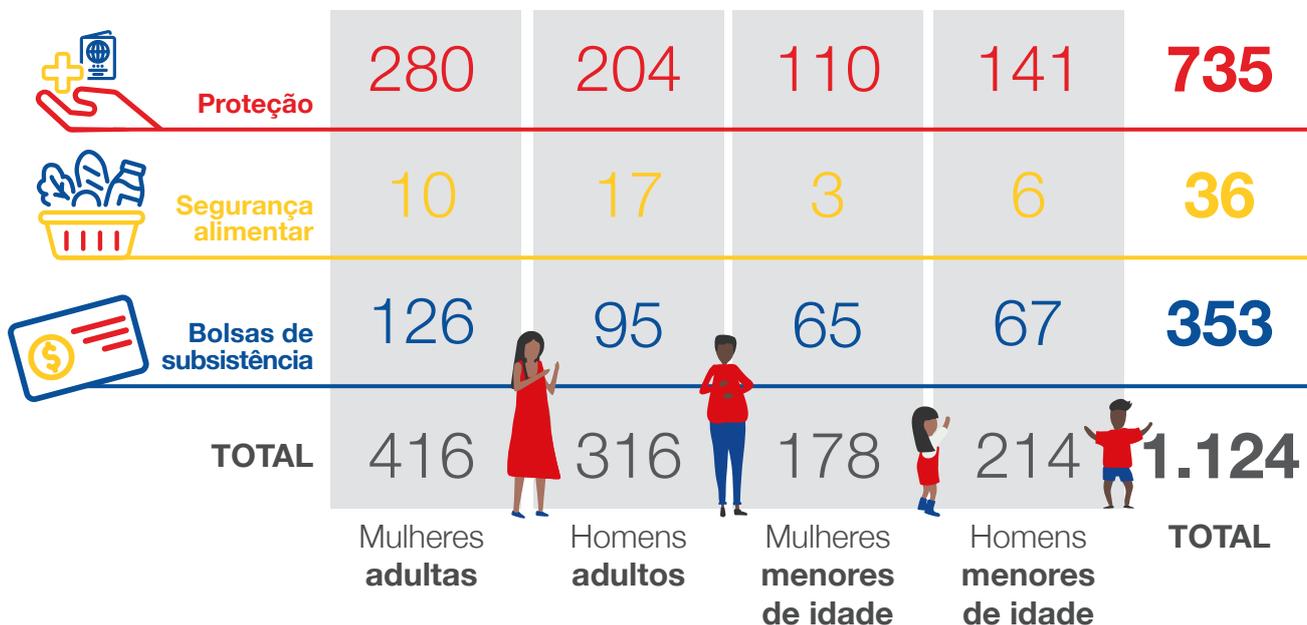
Todos esses atendimentos e orientações são extremamente necessários, principalmente para o migrante vulnerável que procura a Casa de Direitos. A fim de atender suas necessidades mais básicas, como moradia e alimentação, o projeto Europana fornece uma bolsa de subsistência, que é uma transferência de renda incondicional para o migrante em situação de vulnerabilidade social, por meio de uma avaliação socioeconômica realizada pela equipe.

Dessa forma, o projeto Europana se mostrou extremamente necessário para que o migrante possa recomeçar seus projetos de vida em outro país, compreendendo suas histórias e

contribuindo para que lutem como sujeitos de direitos, na incidência política de leis específicas para migrantes que possam evidenciar esse novo recomeço.



População alcançada no Europana III



SÃO PAULO



Era Natal de 2018, quando em São Paulo a Cáritas Regional recebeu seu primeiro grupo de migrantes, refugiados e refugiadas venezuelanos/as. Em sua maioria vindos dos abrigos de Roraima e alguns encaminhados pela Polícia Militar, em que a triagem era inexistente, sendo esses apenas recolhidos das ruas e rodoviária de Roraima. Essa foi a nossa primeira grande problemática a enfrentar.

Nós, um pequeno grupo formado por uma psicóloga, uma assistente social, uma educadora e um auxiliar administrativo, no processo de construção da metodologia para um projeto audacioso e diferenciado, até então inexistente em São Paulo, cujos abrigos trabalham com pouca autonomia e separam as famílias entre homens e mulheres com suas crianças.

Era a primeira vez que a senhora Maria iria cozinhar para sua família, depois de quase um ano comendo as marmitas do exército em Roraima, às vezes passada, como ela nos contou. Neste dia, ela chorou ao ver o fogão: “Vou poder cozinhar nossa comida para minha família”.

Foram essas e muitas situações de conquistas e dificuldades experienciadas no início do programa Pana, em 2018: a implantação das Casas de Direitos; o desafio na distribuição de comida perecível; a criação de regras para um abrigo autônomo; a triagem de doações - que no início eram muitas; a mediação de diversas formas de conflitos.



Em meio aos atendimentos diários, surgiam demandas de necessidades físicas, psíquicas e até espirituais. Dentre os desafios vivenciados por uma equipe reduzida, estão os casos de violência doméstica, de negligência materna e de depressão entre as mulheres, além da lida com um público diverso, em que uma parte estava bem orientada pela equipe Cáritas, e outra vinda do processo de acolhida do exército - as quais se deslocaram do meio rural para a metrópole em São Paulo.

Por outro lado, a partir da renovação do convênio já contávamos com: uma equipe madura; uma metodologia bem estruturada; parcerias que acolheram o perfil rural dos beneficiários e das beneficiárias; parcerias empresariais e doações de qualidade; e, principalmente, um gueto de cultura venezuelana na zona leste de São Paulo.

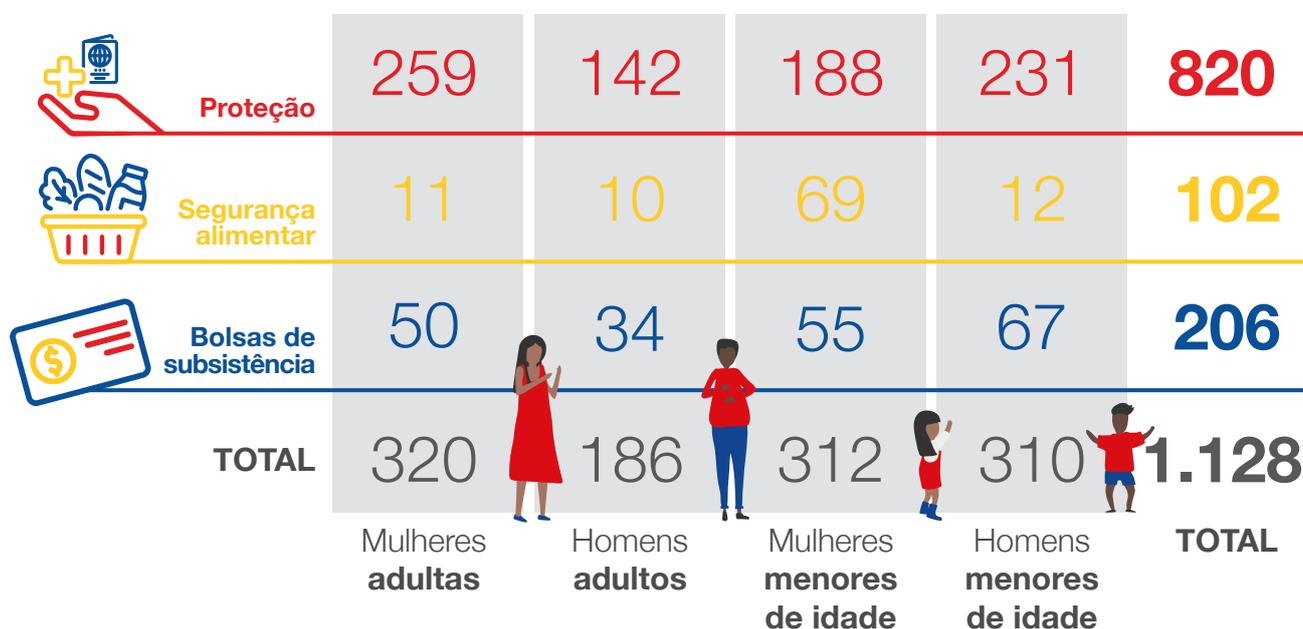
Ali o comércio acolheu muitos trabalhadores e trabalhadoras. Além disso, os proprietários de imóveis estavam sensibilizados a desburocratizar seus contratos de aluguel. A escola local também foi uma grande parceira,

que vinha até o abrigo pedir formação para inclusão de seus alunos migrantes.

E assim o primeiro grupo de 200 pessoas conseguiu alugar suas casas, teve o seu “ganha pão”, ainda que precário e não formal. Esse primeiro núcleo levou quase seis meses para conseguir sua estabilidade.

Uma das maiores dificuldades era justamente o que o projeto Europeana, enquanto uma extensão do projeto Pana, veio para suprir, a considerar as dificuldades iniciais de montar suas casas, das exigências habituais e burocráticas a exemplo do depósito de três meses antecipados de aluguel, das dificuldades que a população migrante enfrenta para ser inserida no mercado de trabalho formal – uma vez que a renda proveniente do trabalho informal é insuficiente, da grande dificuldade que a população migrante tem de abrir conta bancária e ter a documentação regularizada para contratos formais de aluguel – o que os torna ainda mais suscetíveis, inclusive a locais de moradia insalubres.

População alcançada no Europeana III



Quando chegou ao Brasil a pandemia, tempo de incertezas e agravamento da crise econômica e do desemprego, muitas famílias já em situação de estabilidade perderam seus empregos e ficaram sem condições de pagar seus aluguéis.

O programa Europeia então acolhe toda essa população que veio para o Brasil em 2018, e vai além abraçando o atendimento a recém-chegados e a pessoas em situação de vulnerabilidade agravadas, incluindo indocumentados e migrantes de outras nacionalidades.

Desde então foram realizadas orientações, bolsas de subsistência foram concedidas, cartões alimentação distribuídos, cestas básicas custeadas com recursos do projeto – além das parcerias com a Fundação Banco do Brasil na entrega de cestas e kits vale-gás distribuídos desde o início em 2020.

Nesse sentido, o apoio econômico proporcionou, ainda, a autonomia e o

poder dos migrantes e das migrantes de tomarem suas próprias decisões. Muitas vezes, conforme relatado nos atendimentos, os benefícios serviam não apenas para complementar o valor do aluguel, como também para comprar algo diferente do alimento habitual para as crianças, ou para comprar o “pollo” (frango) depois de muitos dias comendo salsicha ou ovo, para comprar algum item do material escolar, o chinelo para “los niños”, e até mesmo um medicamento.

Além disso, houve a distribuição de kits de alimentos e de produtos de higiene, e a entrega de máscaras, em parceria com grandes instituições.

Por meio de todas as ações foram feitas as orientações essenciais para a conquista da autonomia, que chegou em momento oportuno trazendo alívio e esperança, ainda que de caráter emergencial e temporário para um período de tantas incertezas: escolher o que e quando fazer.





Diante disso é importante ressaltar a relevância do projeto na dinâmica de integração social das famílias alcançadas, em particular aquelas chefiadas por mulheres, com integrantes idosos e com pessoas com deficiência e do grupo LGBTQIA+.

Indiscutivelmente, o Europana representou a mão amiga estendida na direção desta população, cujas demandas iam desde pedidos de ajuda para a compra de painéis para o início do próprio negócio, até um empréstimo para financiar a casa própria.

Portanto, o término do programa é, para nós, um grande desafio: como encaminhar a demanda construída nesses últimos quatro anos? Como criar projetos sustentáveis que não fiquem desamparados ao final? Hoje temos uma metodologia forte, na qual estamos trabalhando para criar parcerias que possam manter a estabilidade dos projetos.

Por ser uma cidade muito grande, a população de São Paulo sente a crise global de maneira intensa, com abrigos lotados, aumento do número de pessoas em situação de rua na região central, alto crescimento da quantidade de famílias vivendo em barracas.

E a população migrante não se encontra distante dessa realidade. Os abrigos específicos para atender esse grupo não são suficientes para conter a demanda, contexto que o torna ainda mais vulnerável.

Com muita frequência recebemos mensagens desesperadas com pedidos de socorro para ajuda com aluguel, pois se encontram em vias de serem despejados. Muitas vezes, sem alternativas, recorrem às ocupações – com o risco de saírem e ao retornarem não encontrarem mais suas casas, como aconteceu com algumas de nossas atendidas.

Reitera-se, dessa forma, a importância deste projeto. Não como a solução efetiva para o enfrentamento de todas as mazelas sociais com as quais nos deparamos, porque trabalhamos em linha tênue entre os limites, mas uma porta de possibilidades infinitas. Uma porta que se abre para novas perspectivas, num formato em que seja possível ir além da ação assistencialista, em que seja possível construir novos caminhos.

PARANÁ

Na formação acadêmica do curso de Serviço Social pouco se fala em políticas sociais efetivas para migrantes, refugiadas e refugiados – talvez porque no Brasil ainda não existam de fato, ou pela falta de mais espaços interventivos para a/o assistente social trabalhar com essa população.

No tempo em que a equipe da Cáritas Arquidiocesana de Curitiba/Regional Paraná esteve atuando nessa área por meio do Europana, foi possível presenciar histórias incríveis de indivíduos, famílias, mães solas e crianças.



População alcançada no Europana III

	Água e higiene	10	2	2	2	16
	Abrigo	2	4	0	2	8
	Proteção	49	21	3	2	75
	Segurança alimentar	59	18	4	4	85
	Bolsas de subsistência	51	35	38	42	167
TOTAL		171	81	47	52	351
		Mulheres adultas	Homens adultos	Mulheres menores de idade	Homens menores de idade	TOTAL

O Projeto Europeia possibilitou que as/os profissionais envolvidas/os procurassem novas alternativas e métodos que fizessem sentido para as demandas trazidas por cada migrante, refugiado e refugiada.

Ressaltamos a importância do projeto não apenas para a equipe técnica, que certamente aprendeu e aprende cotidianamente com cada atendimento realizado, mas sobretudo às famílias e indivíduos que receberam do Europeia auxílio, orientação, encaminhamento para as políticas públicas brasileiras, benefício de bolsa de subsistência ou o acolhimento de uma escuta atenta e sensível a suas histórias.

Como objetivo maior, o benefício eventual ofertado pelo projeto visa ao enfrentamento de contingências sociais. Migrantes, refugiados e refugiadas vivenciam privações e necessidades imediatas ocasionadas por eventos que fogem da vida cotidiana e que prejudicam a capacidade de enfrentá-los.

Logo, essas necessidades exigem respostas imediatas de forma a atender as demandas do indivíduo ou da família. Nesse sentido, por meio do Europeia podemos dizer que todo o trabalho pensado, planejado e executado atingiu as expectativas.

Temos gratidão pela experiência ao lado de tanta gente boa, competente, humana e que faz muito. À Caritas Brasileira, ao Regional Paraná e a cada migrante, refugiado e refugiada que faz o trabalho ter sentido e nos faz ter fé em um mundo melhor sendo nossa “Casa Comum”: Obrigada!



SANTA CATARINA

Em novembro de 2019 iniciamos o Projeto Europeia no estado de Santa Catarina, no primeiro momento em paralelo com a equipe do Pana, que encerrava suas atividades. Começamos conhecendo a rotina da Casa de Direitos, que era situada no bairro Pantanal, em Florianópolis. Fomos nos apropriando da rotina do espaço, conhecendo as famílias, participando das atividades de encerramento e final de ano com as famílias.

Em janeiro de 2020 iniciamos o cadastramento das famílias e demos continuidade ao atendimento na Casa de Direitos, agora somente com a equipe do Europeia, pois a equipe do Pana já havia encerrado suas atividades em dezembro de 2019.

Em janeiro, fevereiro e início de março de 2020, seguimos com os atendimentos e o planejamento das ações a serem executadas, bem como com a apresentação do projeto Europeia à rede sócio assistencial de Santa Catarina.

Vale lembrar que a Cáritas Regional Santa Catarina estava prestes a receber, pelo Projeto Pana Brasil, 100 migrantes venezuelanos/as na modalidade de interiorização, que seria executado paralelamente ao Europeia. Foi então criada uma força tarefa para estruturar as casas que receberiam esse grupo.

Em decorrência da nova realidade imposta pela Covid-19, houve necessidade de readequação do trabalho da equipe do Europeia, devido ao distanciamento social. Como não poderíamos atender de forma



presencial na Casa de Direitos, iniciamos o atendimento por meio de um número de WhatsApp, com posteriores visitas e entregas nas casas do público beneficiário, respeitando todos os protocolos sanitários e sem adentrar as residências.

Com a impossibilidade da Cáritas Regional Santa Catarina de receber o grupo de migrantes, devido ao cancelamento das interiorizações e aproveitando a estrutura já preparada, as residências foram transformadas em Casas de Passagem para acolher as famílias que estavam sendo despejadas por não conseguir pagar o aluguel, além de famílias de migrantes que estavam em situação de rua.

No início de abril de 2020, a Casa de Direitos mudou de endereço, funcionando na cidade de São José. Ainda de maneira remota, o atendimento foi otimizado pelo grande número de famílias migrantes nesse município. No mesmo mês foram pagas as primeiras bolsas de subsistência às famílias, o que representou um grande alívio, pois boa parte delas tirava seu sustento de trabalhos informais, o que ficou muito difícil com o fechamento dos estabelecimentos, diminuição das jornadas de trabalho e parada do transporte público por quatro meses.

anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, atendendo e promovendo a participação da construção do Reino de Deus nas pessoas em situação de vulnerabilidade social. Bem Viver, sinal de inclusão social.



No período de abril a agosto de 2020 foram oferecidas cinco Casas de Passagem aos migrantes, sendo duas na cidade de São José e três na cidade de Tubarão.

O atendimento da equipe se deu de forma remota em todo o estado de Santa Catarina, com exceção dos municípios que compõem a grande Florianópolis e o município de Tubarão, onde a equipe fazia atendimento presencial nas residências, respeitando os protocolos sanitários em vigor.

Em outubro de 2020 iniciamos as atividades da segunda fase do Europana. Ainda respeitando as normas sanitárias continuamos com atendimento remoto e visitas nas residências. Nesse momento tivemos um aumento nos recursos humanos, com a contratação de um agente de proteção e a ampliação da carga horária do auxiliar administrativo. O que possibilitou a ampliação do atendimento aos migrantes e a rede sócio assistencial com treinamento das equipes locais dos municípios.

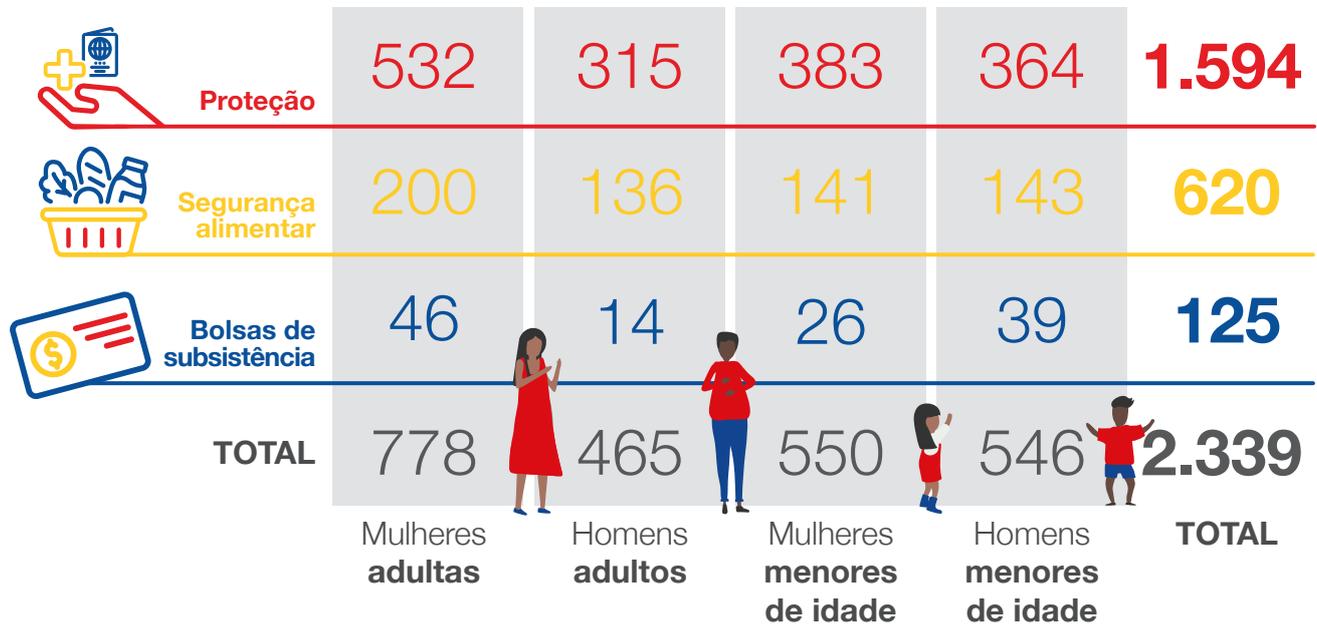
A segunda etapa do Europana encerrou suas atividades em maio de 2021, e teve que

continuar a adequar os atendimentos, planejamento, monitoramento, incidência, entre outras atividades, à nova realidade da pandemia da Covid-19. Foi um período bastante difícil, devido à dificuldade das famílias em conseguir sair de casa, conseguir trabalho e conseguir sua emancipação.

Em agosto de 2021 teve início a terceira fase do Europana, época em que as pessoas começaram a se vacinar. Gradativamente, os protocolos sanitários foram se flexibilizando e a equipe começou a desenvolver seu trabalho de forma híbrida: metade do tempo de forma remota e em alguns momentos com atendimentos por horário agendado na Casa de Direitos. Também foram retomadas as visitas às redes sócio-assistenciais de alguns municípios.

Nesse sentido, o projeto Europana se traduziu em uma referência no atendimento aos migrantes, não apenas venezuelanos/as, mas também de outras nacionalidades, conseguindo articular os atendimentos e a rede sócio-assistencial existente.

População alcançada no Europana III



MATÉRIAS



Acolher migrantes e refugiados é pôr em prática o evangelho de Jesus Cristo

O que esperar de um futuro incerto? Essa é apenas uma das preocupações de migrantes, refugiados e refugiadas no Brasil e no mundo. São inúmeros os motivos que levam milhares de pessoas a deixarem seus países em busca de oportunidades em outros lugares. Na maioria das vezes, as guerras internas ou externas em decorrência de conflitos políticos são as principais causas de uma fuga pela sobrevivência de famílias inteiras.

Um dos pontos que merece destaque nesse processo de recomeço está relacionado à diferença no que se refere às expressões: migrante e refugiado. O entendimento dessas expressões é fundamental para que os países acolhedores possam direcionar as ações de abrigamento nos estados e, conseqüentemente, o combate à xenofobia.

Segundo Thamirys Lunardi, assessora da Cáritas Nacional, migração e refúgio são fenômenos diferentes de mobilidade internacional. “A migração é caracterizada pela voluntariedade, ou seja, a pessoa escolhe se vai deixar seu país de origem em busca de um outro contexto. Já as pessoas refugiadas são forçadas a deixarem seu país de origem e buscarem proteção internacional”, salientou Thamirys. Ela destacou, ainda, que as comunidades

internacionais têm formas próprias para atuar no acolhimento em seus respectivos países e estados.

O projeto Europana desenvolve um trabalho primordial no acolhimento de migrantes e refugiados. A atuação junto à população migrante tem o apoio do Papa Francisco, que desde o início de seu pontificado vem manifestando preocupação quanto à situação de migrantes e refugiados em todo o mundo.

Dom Mário Antônio, Arcebispo de Cuiabá e presidente da Cáritas Brasileira, comentou que “o Papa Francisco tem sido o homem do acolhimento”, lembrando que, desde 2018, o pontífice aconselha, por meio das mensagens para o Dia da Migração, que se deve acolher, proteger, promover e integrar migrantes, refugiados e refugiadas, que são irmãos e irmãs entre nós. “Por isso, o Papa Francisco não apenas se preocupa, mas dá testemunho na sua fala, nos seus inscitos, nas suas ações de como acolher o ser humano. O Papa Francisco nos recorda que é necessário não esquecer da hospitalidade, que é fonte de graças para quem acolhe e para quem é acolhido”, declarou.

Outra questão enfatizada por Dom Mário se refere às dificuldades e desafios enfrentados pela Igreja Católica junto às mais diversas comunidades, associações e organizações.

“A Igreja reconhece que migrar é um direito, mas ao mesmo tempo reconhece as dificuldades e desafios no contexto das migrações. As ações da Igreja são sempre desenvolvidas em favor do acolhimento, da proteção, e também da integração de migrantes e refugiados na sociedade brasileira. É claro que no fluxo migratório de regiões, sobretudo na Amazônia, muitos que chegam até o Brasil são pessoas que chegam necessitadas de tudo. Então, a Igreja tem oferecido essa acolhida nos seus limites para resgatar a dignidade de vida”, completou.

Esse compromisso da Igreja com migrantes e refugiados vem desde 1914, quando foi instituído um dia para rezar por eles e sensibilizar as pessoas para que compreendam e acolham os que deixam seus países em busca de melhores oportunidades.

Na ocasião, também é divulgada uma mensagem para que os cristãos possam refletir suas ações e se dispor a acolher. “Forçados, como Jesus Cristo, a fugir”, foi o tema de 2020, encorajando os cristãos e cristãs a “acolher, proteger, promover e integrar”.

Na opinião de Dom Mário, o Papa Francisco não se acanha em motivar os cristãos e cristãs para que se aproximem dos migrantes e refugiados com ternura, altruísmo e gratuidade. “Não podemos tratá-los como números de uma estatística, mas como pessoas na sua dignidade, como irmãos e irmãs de nossa família, de nossa pátria, para assim sem nenhum interesse servir a cada um deles em todas as suas necessidades”, afirmou.

Além disso, é importante que o contexto da migração promova fraternidade e solidariedade, pois mais do que nunca a

migração é uma realidade, e como tal, uma oportunidade para viver o evangelho “amando uns aos outros como Jesus nos amou”.

Alexandra Macedo, venezuelana do estado de Mérida, morando desde 2018 em Roraima, considera importante a mensagem do Papa Francisco, e ressaltou a preocupação do pontífice com a pandemia que gerou situações de marginalização e abandono em todo o mundo. Para ela é preciso acolher a exemplo de Jesus que lavou os pés de seus discípulos.

A pandemia deixou os migrantes e refugiados mais vulneráveis, e a acolhida e proteção implicam em prontidão e boa vontade para articular o atendimento à saúde e, se necessário, atendimento médico. Porém, esse acolhimento deve acontecer em ambientes seguros e saudáveis, com moradia digna, projetos de renda, livres da violência e da exploração. “Migrar é um direito, somos todos migrantes!”.



Migrantes e refugiados no contexto da pandemia da Covid-19

A pandemia do coronavírus gerou situações de marginalização e abandono em todo o mundo. A insegurança sanitária e o medo do desconhecido trouxeram à tona situações antes escondidas pela sociedade, deixando a população mais necessitada vulnerável à contaminação do vírus.

A falta de moradia e de recursos financeiros agravam ainda mais essa situação, uma vez que a maioria dos migrantes e refugiados que chegam ao Brasil acabam indo parar nas ruas, onde é difícil manter as condições de limpeza e higienização.

Segundo Edilaine de Oliveira, articuladora da Cáritas em Porto Velho (RO), as políticas de combate à crise sanitária limitaram os cursos de mobilidade humana e a imunização dessas populações. “O contexto de pandemia afetou os fluxos migratórios em decorrência do fechamento das fronteiras, e a questão do isolamento social afetou o orçamento doméstico de muitos migrantes, principalmente, aqueles que trabalham por meio informal”, declarou.

Muitos venezuelanos e venezuelanas, por exemplo, ficaram na esperança de abertura da fronteira para ingressar no Brasil, na expectativa de rever familiares que estão no país, mas não puderam se deslocar por conta das restrições impostas pela pandemia. Ester Tédio Ferrer, que atua na Cáritas Diocesana de Roraima, destacou que muitos venezuelanos tentaram passar de maneira irregular para rever familiares, e ficaram ainda mais vulneráveis à Covid-19.



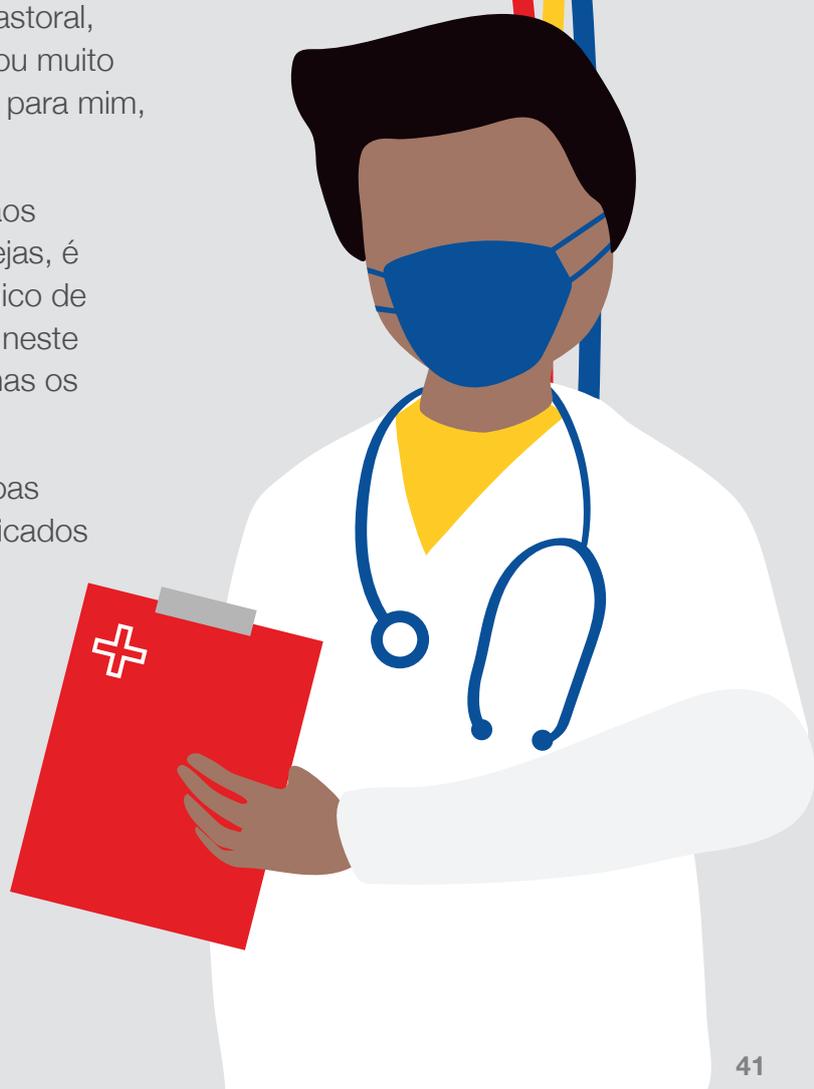
Para tentar amenizar a situação, organizações da sociedade civil nacionais e internacionais, algumas igrejas e diferentes instituições católicas se organizaram para oferecer apoio e acolhimento aos migrantes e refugiados.

“Cada uma trabalha para regularizar a documentação, abrigar, apoiar com iniciativas de emprego e renda, dar assistência e informações em situação de vulnerabilidade, como doença”, destacou Ester.

O médico venezuelano Marcos Corrêa trabalhava no Hospital de Campanha montado em Roraima, quando apresentou sintomas de infecção por Covid-19. Ele procurou a Pastoral do Migrante para pedir ajuda com as medicações. “Eu mandei mensagem para Ilma Evadista que é vice-presidente da Pastoral do Migrante, comentei o que aconteceu, e que precisava de ajuda com os medicamentos que o médico passou. Ela conseguiu medicamento pela Pastoral, e um equipamento de nebulização, e eu estou muito agradecido por toda essa ajuda que ela deu para mim, através da Pastoral”, ressaltou.

Além do suporte que vem sendo oferecido aos migrantes e refugiados por instituições e Igrejas, é preciso destacar a existência do Sistema Único de Saúde (SUS), que fez uma grande diferença neste contexto de pandemia, atendendo não apenas os brasileiros, mas migrantes e refugiados.

No entanto, uma vez que os casos de pessoas contaminadas pelo coronavírus são subnotificados no país, não se sabe ao certo o número de pessoas que contraíram a Covid-19. Algumas subnotificações acontecem por conta do idioma que dificulta a busca por serviços de saúde, e pelo medo que migrantes e refugiados têm de sofrerem xenofobia, e não receberem o atendimento adequado quando buscam atendimento médico nos estados e municípios em que se encontram.



Desafios da acolhida de migrantes e refugiados em cenários de xenofobia

Guerras, perseguições políticas e violação dos direitos humanos são alguns dos fatores que obrigam mais de 70 milhões de pessoas a deixarem seus países em busca de uma vida melhor. No entanto, essa não é uma tarefa fácil. Requer dos migrantes e refugiados coragem, ousadia e solidariedade.

Ao mesmo tempo em que aumenta a migração, a intolerância e a xenofobia crescem na mesma proporção. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), a xenofobia é definida como “atitudes, preconceitos e comportamentos que rejeitam, excluem e difamam as pessoas com base na percepção de que são estrangeiros à comunidade ou sociedade nacional”, ou seja, é a demonstração de ódio ao estrangeiro, ao migrante, com atitudes e comportamentos discriminatórios.

Foi este cenário rodeado de preconceito e discriminação que a jovem Yenifer Viviana Villarroel, da cidade de Maturin, no estado de Monagas, Venezuela, vivenciou durante toda a sua trajetória até o Brasil. “Pela migração massiva do meu país, pela situação em que ele se encontra, eu sofri preconceito em cada país que já visitei, Colômbia, Equador, Peru e agora no Brasil bem menos. Infelizmente, nós tivemos que migrar e muitas vezes não somos bem recebidos. Eu sofri preconceitos no meu ambiente de trabalho e meu marido também”, ressaltou Yenifer.





Ela contou, ainda, que outra situação vivenciada foi a questão salarial. Muitas vezes recebia menos do que merecia, e ainda tinha de ouvir comentários ofensivos por não dominar a língua do país em que estava.

Atualmente, a jovem trabalha por conta própria, mas devido à pandemia, os serviços ainda estão em baixa. “Eu simplesmente falei que eu já não me sentia bem por trabalhar ali, porque queriam me pagar muito menos. Então eu fui embora trabalhar por conta própria, e tentando o melhor possível para que as vendas melhorassem, porque está complicado por causa da pandemia”, declarou.

Assim como Yenifer, que por vezes teve receio de se impor, muitos migrantes e refugiados são vítimas de discriminação, e têm dificuldade de exigir que seus direitos sejam respeitados. A falta de domínio da língua, de informação e até as questões culturais são as barreiras encontradas por essas pessoas.

De acordo com Angelica Furquim, Coordenadora Nacional de Projeto e Assessora Nacional para Migração e Refúgio da Cáritas Brasileira, a ausência de informações por conta da vulnerabilidade em que a pessoa se encontra faz com que muitos casos não sejam denunciados

aos órgãos competentes. “Existe um distanciamento entre o sentimento de ter sofrido xenofobia e a própria relação com o conceito em si. Isso faz com que a gente tenha um baixo número de casos oficialmente reportados de xenofobia. Às vezes a vulnerabilidade é tanta que, de fato, faz com que a pessoa não disponha de ferramentas materiais, emocionais, informativas para que o caso seja reportado às autoridades competentes”, destacou Angélica.

A especialista reconhece a importância do trabalho em rede, e reforça que as políticas públicas precisam ser, de fato, pensadas e efetivadas em todo o contexto migratório no país. É importante ressaltar que atos verbais e/ou físicos que ofendem e excluem são considerados crime de xenofobia e precisam ser denunciados.

A oração do Papa Francisco para o Dia do Migrante e Refugiado, inspirada no exemplo de José, pede “que confortamos e protejamos todos os irmãos e irmãs que, forçados por guerras, pobreza e carências, deixam a sua casa e a sua terra a fim de se lançarem ao caminho como refugiados rumo a lugares mais seguros”. Neste sentido, é necessário acolher, estender a mão e ajudar, e não apontar o dedo e julgar. Que se possa estender a mão e contribuir para o recomeço dessas histórias de vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

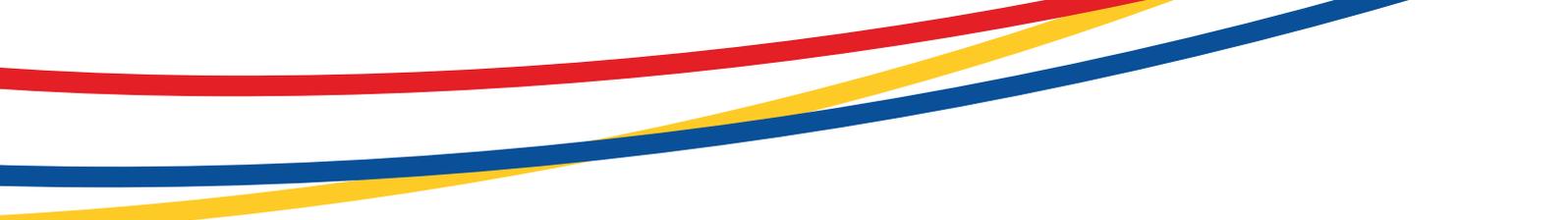


CONSIDERAÇÕES FINAIS

Panorama da parceria entre Cáritas Suíça e Cáritas Brasileira na atuação junto a migrantes e refugiados venezuelanos no Brasil

Desde 2018, a Cáritas Suíça tem cooperado com a Cáritas Brasileira nas áreas temáticas de migração e assistência humanitária, e implementado um conjunto de atividades a fim de contribuir para condições de vida dignas de migrantes, refugiados e refugiadas no Brasil. No âmbito da implementação dos projetos Pana (2018/2019) e Europana (desde 2019), entre outros, as ações desenvolvidas têm visado efetivar o acesso a direitos básicos para migrantes, refugiados e refugiadas, principalmente da Venezuela, no intuito de possibilitar novas perspectivas de vida e a integração nas comunidades de acolhida no Brasil.





O fluxo migratório a partir da Venezuela se tornou uma das maiores crises de deslocamento do mundo, com mais de 6 milhões de pessoas fugindo da violência, da falta de alimentos e de serviços essenciais no seu país de origem. Portanto, a Cáritas Suíça iniciou seu programa regional da “Resposta à Crise da Venezuela” em 2019, reorientando programas existentes no Brasil e na Colômbia para as necessidades de milhões de venezuelanos e venezuelanas que migraram para os países vizinhos.

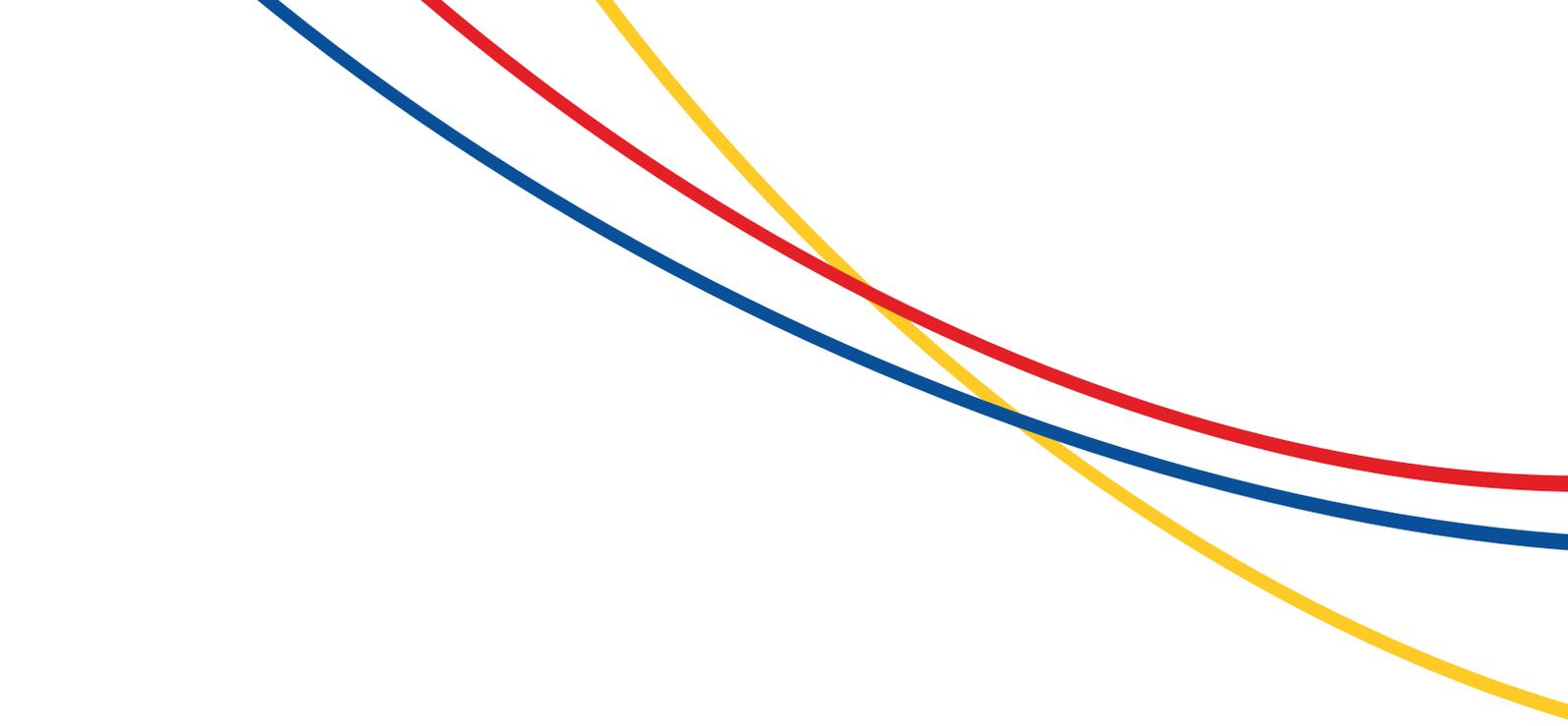
Tanto entre pessoas em trânsito, quanto entre migrantes, refugiados e refugiadas com intenção de permanecer no Brasil, há muitas necessidades que têm a ver com o acesso a serviços e direitos básicos. Os projetos implementados no Brasil, mais especificamente o projeto Europana, busca cobrir esta lacuna. Da mesma forma, o projeto contribui para reduzir questões muito relevantes como a xenofobia e discriminação por parte de vários setores da população em relação a migrantes, especialmente venezuelanos e venezuelanas.

A Cáritas Brasileira, através do Secretariado Nacional e seus Escritórios Regionais, tem sido um dos principais parceiros da Cáritas Suíça no Brasil. O árduo trabalho dos/as agentes Cáritas, sempre acreditando na sua missão institucional e estando muito próximo às pessoas mais vulneráveis e excluídas, tem fortalecido nossa parceria significativamente ao longo dos anos. Estamos juntos e juntas na missão de combater a pobreza e construir uma sociedade mais justa, solidária e inclusiva.

Através do projeto Europana vivenciamos muitos momentos de encontros com as equipes em campo, com as pessoas que participaram do projeto e outros parceiros que contribuíram com a ação. Essa troca de experiências, inclusive com as organizações implementadoras do projeto em outros países como na Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia, tem contribuído significativamente para melhorarmos nossas ações de forma contínua e significativa.

Assim, um dos resultados concretos do projeto é a instituição da Política Nacional de Proteção e Mecanismos De Salvaguarda da Cáritas Brasileira, que visa fortalecer nosso compromisso comum com a proteção das pessoas mais vulneráveis como crianças, mulheres e pessoas LGBTQI+, a fim de assegurar o respeito à dignidade humana em todas as ações desenvolvidas.

A publicação do Relatório de Lições Aprendidas e Boas Práticas contribui significativamente para a visão estratégica do projeto Europana, que visa fortalecer o aprendizado constante através do diálogo coletivo com os/as agentes em campo e as pessoas afetadas pela crise humanitária na Venezuela. Nesse sentido, agradecemos à Cáritas Brasileira, suas equipes, voluntários e voluntárias pelo compromisso e trabalho humanitário em prol das pessoas mais vulneráveis e excluídas, e esperamos que as experiências e lições aprendidas sistematizadas nesse documento possam ser inspiração e motivação para toda a rede nacional da Cáritas Brasileira e seus parceiros.



Eurofana



CARITAS Schweiz
Suisse
Svizzera
Svizra

